

áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



História da Filosofia

Renascimento

Áreas da filosofia

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 8



HISTÓRIA DA FILOSOFIA Renascimento



Série: Áreas da Filosofia, n.º 8 | Renascimento

Seleção: Emília Laranjeira

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

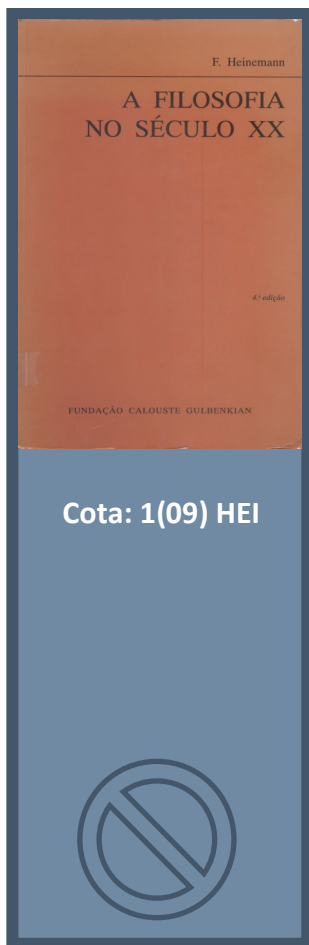
- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.



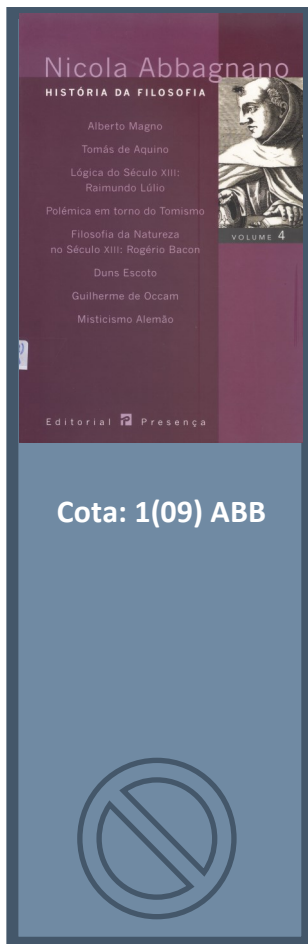
O humanismo renascentista encontra-se estreitamente ligado a uma exigência de renovação política. Pretende-se renovar o homem, não apenas na sua individualidade, mas também na sua vida em sociedade; por esse motivo, empreende-se uma análise da comunidade política, com o fim de lhe descobrir o fundamento e de reportar a este as formas históricas daquela. O regresso às origens, que também neste campo constitui a palavra de ordem da renovação, é, por um lado, entendido como o regresso de uma comunidade histórica determinada, povo ou nação, às suas origens históricas, às quais poderá ir buscar nova força e novo vigor e, por outro, como regresso à base estável e universal de toda e qualquer comunidade, ou seja, como reajustamento e reorganização da comunidade sobre a sua base natural... (p. 42)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.ª ed.) (Vol. 5). Lisboa: Presença.



... A tradição humanística também revive em Bruno, tanto no jogo de mágico colorido da sua retórica e da sua tendência poética, como na defesa do homem considerado templo de Deus. No regresso ao mais profundo da natureza própria, ao «céu do nosso espírito», experimenta-se a presença de Deus que, no entanto, está ligada à dor e ao martírio. O último desta grande série de filósofos italianos, Tomás Campanella (1568-1639), considera a fé e a experiência como as duas fontes do conhecimento teológico e científico. Porém, anteriormente a Descartes, retoma o ponto de vista fundamental de Santo Agostinho da certeza psíquica que se engendra no seio da própria dúvida, que liga, num vínculo de ser, o conhecimento sensível com a verdade da fé. Assim, mais uma vez, o esquema neoplatónico se liga ao Cristianismo, no último grande sistema da Renascença. (p. 193)

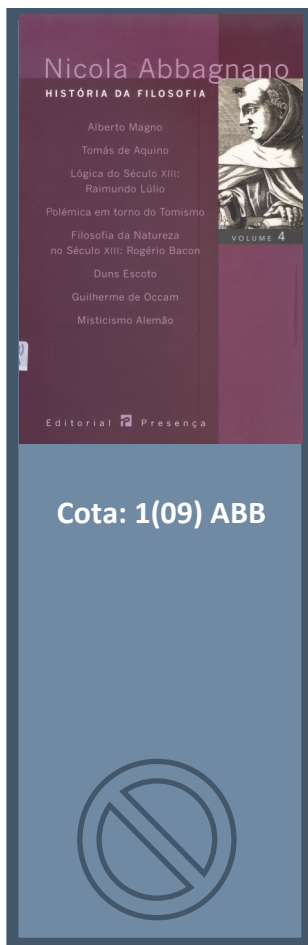
Heinemann, Fritz (1993). *A filosofia no século XX* (4.ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



A atitude de Bacon em todas as suas obras é a de uma resoluta liberdade espiritual. Está convicto de que a verdade não se revela senão aos homens que a procuram, que as investigações devem acrescentar-se e integrar-se umas com as outras e que, numa palavra, a verdade é filha do tempo. E por isso, embora reconhecendo o imenso valor de Aristóteles, a propósito de quem cita a frase de Averróis segundo a qual ele representa «a última perfeição do homem», considera que Aristóteles não penetrou nos últimos segredos da natureza, assim como os sábios de hoje ignoram muitas verdades que serão familiares aos estudantes mais jovens dos tempos futuros.

Com base nesta atitude, Bacon pouco ou nenhum caso podia fazer do valor da autoridade para o conhecimento... (p. 68)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (Vol. 4). 66-74). Lisboa: Presença.



... Se bem que coloque a autoridade ao lado da razão e da experiência, entre as três vias pelas quais se pode atingir o conhecimento, considera que na realidade a autoridade nada faz conhecer, a não ser vindo acompanhada pela sua própria razão, e que por seu lado não nos dá a inteligência mas sim a credulidade, sendo ainda uma das mais comuns fontes de erro. Restam, portanto, dois modos de conhecer: a demonstração racional e a experiência. Mas a demonstração racional, embora resolva e nos faça resolver as questões, não dá a certeza nem elimina a dúvida, já que a alma descansa no intuir da verdade se não a encontra por via da experiência. Muitos são os que aduzem argumentos racionais para sustentar as coisas que conhecem; porém, não tendo experiência delas, não sabem discernir nos seus conhecimentos os úteis e os nocivos. Pelo contrário, o que conhece a razão e a causa por experiência, é perfeito em sabedoria. Sem a experiência, nada se pode conhecer adequadamente. (pp. 68-69)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (Vol. 4). Lisboa: Presença.



Em 1616, era colocado no Índice dos Livros Proibidos o *De Revolutionibus* de Copérnico, e Galileu era intimado pelo Cardeal Belarmino a não defender em público o sistema copernicano. A reação de Galileu consistiu em publicar, em 1632, os *Diálogos sobre os Dois Grandes Sistemas do Mundo* (o ptolomaico e o copernicano; Galileu desprezou, tanto a componenda de Tycho, como a genial modificação de Kepler). Nestes diálogos, a opinião aristotélica era colocada na boca de Simplicio (uma mal disfarçada espécie de «bobo da corte»), sempre rebatido e ridicularizado por Salviati porta-voz de Galileu, com a aquiescência de Sagredo (personificação do espectador culto e – teoricamente – imparcial). Mais ainda: um argumento pessoal do Papa Urbano VIII era posto na boca de Simplicio, para ser demolido de seguida... (p. 71)

Navarro Cordon, J. M. & Calvo Martinez, T. (1990). *História da filosofia: do renascimento à idade média*. (Vol. 2). Lisboa: Edições 70.



... Vimos já, porém, como a aversão ao físico Aristóteles e a preferência dada ao Aristóteles moralista constituía para os humanistas um motivo polémico que tinha por objetivo acentuar a importância que pretendiam atribuir às disciplinas morais consideradas indispensáveis à direção da vida ativa do homem. Este motivo polémico não implicava a aversão à natureza ou à sua investigação e observação diretas que já a arte do Renascimento, tão estreitamente ligada ao movimento humanístico, considerava como seu fundamento, guia e ideal. Acontece que a investigação científica, tal como se revelou nas intuições de Leonardo e na obra de Galileu, era uma investigação baseada na observação e na experiência. E a observação e a experiência não são coisas que possam limitar-se a ser anunciadas e programadas, não podem permanecer na fase de simples ideias, têm que se empreender e levar efetivamente a cabo... (p. 17)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 5). Lisboa: Presença.



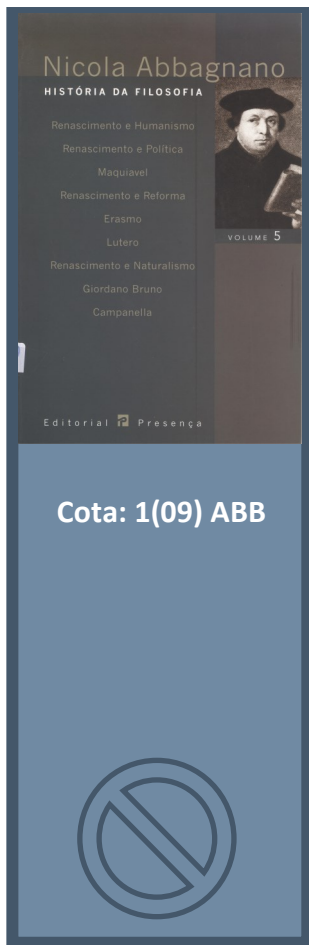
... Não podem, porém, empreender-se nem levar-se a cabo se não se apoiarem num interesse vital, interesse este que só pode ser constituído pela convicção de que o homem se encontra firmemente implantado no mundo da natureza e de que as suas faculdades cognoscitivas mais eficazes e adequadas são precisamente aquelas que derivam das suas relações com a natureza. Quando Galileu punha, ao lado dos raciocínios matemáticos, a «experiência sensata» como a outra única fonte de conhecimento, estava claramente a indicar a mudança de direção que existe na base do empenhamento experimental da ciência moderna. (...). O recurso à experiência sensível, interrogando-a e obrigando-a a falar, é o único caminho que, segundo esta opinião, conduz à explicação da natureza pela natureza, ou seja, aquele que não lança mão de princípios estranhos à própria natureza. (p. 17– 18)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 5). Lisboa: Presença.



Bruno, desde o princípio, toma o mundo natural como objeto da sua investigação e renuncia a toda a especulação teológica. «Não se requer do filósofo natural», diz ele, «que busque todas as causas e princípios, mas só as físicas, e destas as principais e próprias.» Utilizando o princípio neoplatónico da transcendência e incognoscibilidade de Deus, rejeita a divindade como tal para fora do campo da sua investigação. A Deus não se pode ascender a partir dos seus efeitos, como não se pode conhecer Apeles pelas suas estátuas. Deus está «acima da esfera da nossa inteligência»; e é mais meritório chegar a ele pela revelação do que tentar conhecê-lo. Por isso «consideramos princípio e causa aquilo de que haja indício, ou seja, a própria natureza, ou reluz no âmbito ou seio dela»... (p. 135)

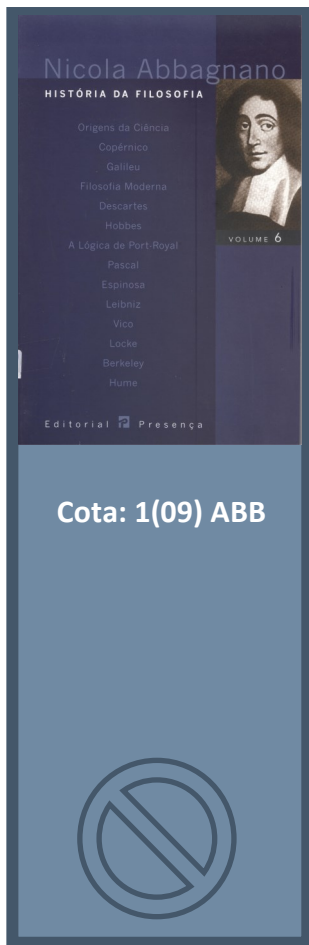
Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 5). Lisboa: Presença.



... Deus, enquanto é objeto de filosofia, não é a substância transcendente de que fala a revelação, mas é a própria natureza, no seu princípio imanente. Neste sentido, ou seja, só como natureza, ele é a causa e o princípio do mundo: causa, no sentido de determinar as coisas que constituem o mundo, permanecendo distinto delas; princípio, no sentido de constituir o próprio ser das coisas naturais. Mas em qualquer caso não se distingue da natureza: «A natureza ou é o próprio Deus ou é a virtude divina que se manifesta nas próprias coisas».

Como princípio do mundo, Deus é o intelecto universal «que é a primeira e principal faculdade da alma do mundo, a qual é a forma universal daquele»... (pp. 135-136)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (4.^a ed.) (Vol. 5). Lisboa: Presença.



Cota: 1(09) ABB

O resultado último do naturalismo do Renascimento é a ciência. Nela confluem: as pesquisas naturalísticas dos últimos Escolásticos que tinham dirigido a sua atenção para a natureza, desviando-a do mundo sobrenatural considerado desde então inacessível à pesquisa humana; o aristotelismo renascentista, que elaborara o conceito da ordem necessária da natureza; o platonismo antigo e novo, que insistira na estrutura matemática da natureza; a magia, que havia patenteado e difundido as técnicas operativas destinadas a subordinar a natureza ao homem; e, finalmente, a doutrina de Telésio, que afirmara a autonomia da natureza, a exigência de explicar a natureza por meio da natureza. Por um lado, todos estes elementos são integrados pela ciência mediante a redução da natureza à pura objetividade mensurável: a um complexo de formas ou coisas constituídas essencialmente por determinações quantitativas e sujeitas, por isso, a leis matemáticas... (p. 7)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (Vol. 6). Lisboa: Presença.



Cota: 1(09) ABB

... Por outro, os próprios elementos são purificados pelas conexões metafísico-teológicas, que os caracterizavam nas doutrinas a que originariamente pertenciam. Assim, a ciência elimina os pressupostos teológicos a que permaneciam vinculadas as investigações dos últimos Escolásticos; elimina os pressupostos metafísicos do aristotelismo e do platonismo e, por fim, elimina o pressuposto animista em que assentava a magia e a filosofia de Telésio. E pode dizer-se que a ciência da natureza foi orientada neste sentido pelas intuições antecipadoras de Leonardo da Vinci.

Leonardo da Vinci (1452-1519) considerou a arte e a ciência como tendentes a um único escopo: o conhecimento da natureza. A função da pintura é a de representar para os sentidos as obras naturais; e por isso ela estende-se às suas superfícies, às cores, às figuras daqueles objetos naturais de que a ciência procura conhecer as forças intrínsecas... (p. 7)

Abbagnano, Nicola (2000). *História da filosofia* (5.^a ed.) (Vol. 6). Lisboa: Presença.

History of Philosophy
without any gaps

Buy the book

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity ▾

Islamic World ▾



Episodes

Blog posts

Comments

Twitter

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]



History of Philosophy
without any gaps

Home

All Episodes

Classical ▾

Later Antiquity

All Episodes

All episodes published so far are listed below, or for lists of episodes relevant introductory pages:

Episodes 1 - 14: The Presocratics



- 1 - Everything is Full of Gods: Thales
- 2 - Infinity and Beyond: Anaximander and Anaximenes
- 3 - Created In Our Image: Xenophanes Against Greek Religion
- 4 - The Man With The Golden Thigh: Pythagoras

History of Philosophy without any gaps
Kings Collage London
[clique na imagem para aceder ao recurso]





Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2016